

Evento: XX Jornada de Extensão

UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA: BRINCAR E CULTURAS INFANTIS¹ AN ETHNOGRAPHIC EXPERIENCE: PLAY AND CHILDREN'S CULTURES

Daniela Pristot Lausch², Josei Fernandes Pereira³

¹ Relato de pesquisa e análise desenvolvido na disciplina Antropologia e Educação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI

² Autora, acadêmica de pedagogia da UNIJUI, danilausch@outlook.com

³ Orientador, professor do curso de Pedagogia da UNIJUI, josei.pereira@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Este relato refere-se à uma experiência de pesquisa etnográfica desenvolvida na disciplina de Antropologia e Pedagogia, durante o segundo semestre de 2018. A experiência relatada iniciou com uma reflexão sobre a necessidade do adulto que convive ou estuda criança precisa passar por um processo de rememoração e refletir sobre “o que a criança que fui ontem diria do adulto que me tornei”. Partindo dessa análise, o presente texto refere-se a uma experiência etnográfica que buscou compreender a criança de hoje em seu contexto cultural diante da brincadeira. O texto parte de uma observação direta/participativa com uma criança de três anos de idade, cuja qual possui um vínculo familiar/afetivo entre o pesquisado e o pesquisador, perdurando durante o intervalo da disciplina.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi uma experiência etnográfica. As leituras realizadas possibilitaram a familiarização com o tema “brincar e culturas infantis”. Como técnica de pesquisa foi utilizado para fazer notas descritivas no diário de campo. Os autores Clarice Cohn (2005), Gilles Brougère (2006) e Roque Laraia (2001), foram utilizadas como base teórica para refletir sobre o brincar, a cultura e o papel do brincar na constituição e no desenvolvimento das culturas infantis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa etnográfica exige tempo, diante que os primeiros contato com (os) sujeitos do estudo o pesquisador pode se encontrar com cegueira cultura, isto é, se encontra cego culturalmente, prevalecendo o sentimento de estranhamento, de aflição diante do aparente caos, onde em sua visão as “coisas” não fazem sentidos (LARAIA, 2001). O pesquisador precisa ter o cuidado em não agir de maneira etnocêntrica considerando sua cultura mais correta, mais natural e melhor que as demais. É preciso relativizar, compreender que cada universo cultural tem tanto potencialidades, como limites. Nessa perspectiva, essa prática foi uma experiência etnográfica, tendo a mesma postura de um pesquisador:

o pesquisador participa ativamente da vida e do mundo

Evento: XX Jornada de Extensão

social que estuda, compartilhando seus vários momentos, o que ficou conhecido como observação participante. Ele também ouve o que as pessoas que vivem nesse mundo têm a dizer sobre ele, preocupando-se em entender o que ficou conhecido como o ponto de vida do nativo, ou seja, o modo como as pessoas que vivem nesse universo social o entendem (COHN, 2005, p.10).

O primeiro ponto da pesquisa pedir consentimento da família e da criança para então analisá-la, em seguida, foi preciso analisar o contexto em que a criança vive. A observada é um menino que tem 3 anos e mora no interior de Nova Ramada, com seus pais, seu pai trabalha em uma granja e sua mãe é dona de casa, eles apenas têm uma vizinha criança. A observação aconteceu no município de Ajuricaba, mais especificamente na casa da avó, no parque infantil do município de Ajuricaba e na lavoura. O vínculo entre o pesquisado e o pesquisador é familiar/afetivo, o que exigiu maior esforço para não fazer interpretações causadas pelo etnocentrismo, ao pensar que diante ao vínculo familiar não é preciso relativizar, entretanto facilitou o contato entre a criança e sua cultura. A criança é um ser brincante e também é produtora de cultura, logo é impossível desassociar a brincadeira da cultura. Segundo Brougère não existe cultura natural:

É preciso, efetivamente romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relação interindividuais, portanto de cultura (BROUGÈRE, 2006, p.97).

Observando a criança do estudo foi visível compreender que de fato o contexto social influencia na brincadeira, bem como a mídia. Suas brincadeiras estão ligadas a tratores, máquinas, e animais, seus desenhos também refletiam isso. É preciso considerar o contexto em que a criança vive, como dito anteriormente, seus pais trabalham na lavoura, seus avós que ele mantém uma grande relação de afeto também trabalham com lavoura; o menino no telefone celular pesquisa utilizando o Microfone do Google “vídeo trator infantil” ou “trator homem aranha”. É impossível e desrespeitoso falar que a brincadeira e a cultura não estão relacionadas.

A cultura não é apenas crenças e costumes, ela é mais ampla, está relacionada com sistema simbólico que compreende signos, linguagem, humor, raciocínio, histórias, assegurando a lógica particular de cada cultura. Dessa forma, toda a socialização está ligada a apropriação da cultura de uma sociedade.

A criança ao nascer começa a ser inserida na cultura de sua sociedade, ela logo vai se apropriando, e também produzindo cultura, vai formulando novos sentidos do mundo. Cohn esclarece a diferença entre adultos e crianças, possibilitando um olhar mais relativizado, ao

Evento: XX Jornada de Extensão

perceber que "[...] a diferença entre as crianças não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa" (COHN, 2005, p.33). Cohn também contribuiu para explicar o porquê as crianças são produtoras de cultura, afirmando que:

[...] as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos (COHN, 2005, p.35).

Nessa perspectiva, o mundo dos adultos e o mundo das crianças não devem ser incomunicáveis e sim relativizados, se comunicarem, afinal pertencem a um mesmo sistema simbólico. Para a criança, o mecanismo de sua cultura é uma referência, na cultura há elementos reais, mas também muitas representações, imagens, símbolos, significados, é necessário se apropriar dessas fontes da cultura (BROUGÈRE, 2006). O brinquedo assume papel fundamental para a apropriação da cultura, afinal, "ele traz para a criança um suporte de ação, de manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe, também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados" (BROUGÈRE, 2006, p. 40 - 41). Dessa forma, o brinquedo tem sua dimensão funcional, mas também simbólica:

função e símbolos estão, na maioria das vezes, completamente ligados e são indissociáveis do brinquedo. A representação desperta um comportamento e a função se traduz numa representação, [...], entretanto, a separação é indispensável para fins de análise. É preciso distinguir esse nível para perceber o que lhe é próprio antes de voltar para à totalidade, original pela presença dessas duas dimensões que constituem o brinquedo (BROUGÈRE, 2006, p.41).

Em virtude disso, é necessário decompor o brinquedo para analisar a dimensão simbólica, diante que "a significação aparece através de uma expressão do material. Trata-se do material, da forma e/ou do desenho, da cor, do aspecto tátil, do odor, do ruído ou dos sons emitidos" (2006, p.42) São essas formas que permitem que o brinquedo tenha um significado; as significações é outro ponto que precisa ser analisado. O brinquedo que a criança do estudo mais gosta, aparentemente, é o trator, diante disso, este será analisado, no aspecto material e nas significações.

Evento: XX Jornada de Extensão

Análise do brinquedo: trator de brinquedo

Aspecto material	Significações
Material: Plástico	Representação de uma realidade: Trator da John Deere com grade
Forma/desenho: Esboço simplificado de um trator real	Modificações induzidas nessa realidade: Única modificação: tamanho da reprodução
Cor: Secundária, fria e limitada.	Universo imaginário representado: Universo realista
Aspecto tátil: Calor do plástico	Representação isolada ou que pertence a um universo: Lógica originada do real: produtores rurais
Aspecto Olfativo: Vazio	Impacto da dimensão funcional: Facilidade de manipulação têm incidências na forma
Ruído e produção de sons: Seco e contínuo	

O trator de brinquedo tem uma relação entre a imagem cultural com a realidade natural. O trator apesar de conter uma grade que seria utilizada em seu padrão para proporcionar a nivelção do terreno a ser plantado, também foi utilizada para puxar outros maquinários de brinquedo que estavam "atolados". Esse exemplo, mostra que a apropriação leva a adequar a "real" representação, inserindo-a em outros contextos ligados à vivência da criança. O trator, de fato, possui muita utilidade devido que pode executar diferentes ações por meio de implementos agrícolas, bem como, como a criança do estudo demonstra, também pode ser usado para rebocar outros maquinários, devido a sua grande potência. Essa situação é explicada por Brougère "trata-se sobretudo de uma confrontação da qual a criança conserva determinadas significações, eliminando outras para substituí-las por novas significações" (2006, p.48).

A brincadeira para a criança é uma modalidade de produção cultural, Cohn afirma que "seremos menos capazes de entender o que elas fazem nessas brincadeiras se não entendermos a simbologia que as embasam, e essa simbologia extrapola o mundo das crianças" (COHN, 2005, p. 36). Por isso, foi necessário em primeira instância, analisar o contexto que a criança vive, perceber que a mídia e o contexto familiar influenciavam em sua cultura, principalmente, em sua cultura lúdica. Afinal, "essa cultura lúdica não está fechada em torno de si mesma; ela integra elementos externos que influenciam a brincadeira: atitudes e capacidades, cultura e meio social. Os brinquedos se inserem nesse contexto" (BROUGÈRE, 2006, p. 51).

Como visto, as crianças, bem como, os adultos além de estarem no processo de endoculturação, também são produtoras de cultura, Cohn também argumenta sobre a transmissão cultural entre as crianças, o que acontece em grande relevância nas brincadeiras infantis. A criança durante a pesquisa teve contato com outras crianças (que até então não conhecia) com a faixa etária de 8 a 9 anos de idade, no parque infantil na praça do município de Ajuricaba. Elas convidaram o menino para brincar de "esconde acha" com elas, a brincadeira presumia em um participante esconder um objeto(elástico) - embaixo da areia, jogar para cima e deixar onde cair, em cima de um brinquedo- e os demais procuravam, também estabeleceram regras - seria necessário dar dicas para encontrar o objeto, quando um participante está perto a criança que escondeu diz "quente", se estão longe, então está "frio".

Essa brincadeira era complexa para a idade do menino. Ele se apropriou de algumas partes, como a procura do elástico, porém, associar o quente e o frio com a proximidade do mesmo, foi um

Evento: XX Jornada de Extensão

desafio para ele. O elástico pode não ter sua função voltada para um brinquedo, mas foi isso que ele simbolizou com a brincadeira “esconde acha”, Brougère contribui para entender essa brincadeira:

O interessante do brinquedo é que ele testemunha a importância da interação, do que se passa entre o objeto e o ator. A socialização não pode ser entendida como condicionada pelo objeto, mas sim como um processo de apropriação e de reconstrução a partir do contato com o brinquedo. A dimensão simbólica do brinquedo não desaparece, mas só tem eficácia na apropriação, na interpretação que a criança faz dele (BROUGÈRE, 2006, p. 73-74).

De fato, a brincadeira com o elástico não estava condicionada pelo objeto, mas com a ludicidade das crianças. A “borrachinha de dinheiro” também já foi muito utilizada como um atilho, e o ato esconder da famosa brincadeira - esconde-esconde. Dessa forma, pode se perceber que as crianças tinham como referência duas brincadeiras, das quais se apropriam e reconstruíram, apenas uma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência etnográfica é de grande valia para a formação de um pedagogo, diante dela é possível vivenciar a se apropriar de alguns conceitos antropológicos como cegueira cultural, etnocentrismo, relativismo, endoculturação, entre outros. A observação direta e os estudos, possibilitou a análise e a reflexão sobre que de fato, o brincar e a cultura estão intimamente relacionados, por conseguinte, para compreender uma brincadeira, é preciso considerar o contexto cultural de quem brinca, ou seja, considerar os signos, linguagem, humor, raciocínio e histórias da cultura que pertence. Afinal, as crianças utilizam a brincadeira como uma fonte para a endoculturação, fazem por ela diversas significações, mas também, produzem cultura.

Palavras-chave: Criança; Brinquedo; Contexto; Símbolos.

Keywords: Child; Toy; Context; Symbols.

REFERÊNCIAS

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 6. ed.- São Paulo: Cortez, 2006.
COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. de Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.